

RESENHA

Monica Baumgarten de Bolle. **Ruptura**, Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2020, 320 páginas.

Ana Cristina Lima Couto¹

Ruptura é o primeiro livro da série *A Pilha de Areia* da economista Monica Baumgarten de Bolle, lançado em 2020. O ponto central desta obra é analisar os efeitos iniciais da pandemia provocada pelo novo coronavírus (o Sars-CoV-2) na economia brasileira, tendo como pano de fundo o teto dos gastos públicos (Emenda Constitucional n° 95/2016). Para isso, o livro aborda os mais variados assuntos econômicos no contexto da pandemia de Covid-19 que pegou de surpresa todo o mundo, em particular o Brasil, que é o país que possui o segundo maior número de mortes no mundo.

Esse livro surgiu do esforço de compreender esse momento pelo qual o Brasil vem passando, de analisar as formas de enfrentamento dessa crise e da prática da autora de falar sobre economia de forma inteligível para o público no seu canal do Youtube e de suas interações com os participantes. Escrito com linguagem clara e simples, a obra explica os conceitos econômicos utilizados, facilitando a leitura pelo público de modo geral. A autora ainda exemplifica muitas situações econômicas utilizando gráficos e figuras feitos manualmente com caneta colorida, dando mais didatismo às suas explicações.

A série *A Pilha de Areia* tem esse nome originado de um modelo que procurava entender a dinâmica das avalanches utilizando como base o empilhamento de areia, grão a grão, em que se desejava saber como o desmoronamento ocorreria e em que magnitude. A conclusão do experimento é que “[...] as pilhas de areia tinham um padrão de desmoronamento imprevisível, isto é, a grandeza da avalanche não podia ser prevista, ainda que sua ocorrência fosse certa” (p. 19). Desse contexto, Bolle faz uma alusão aos alertas que diversos pesquisadores têm feito sobre suas expectativas de que ocorreria uma nova pandemia de grande amplitude (a avalanche) que afetaria a humanidade. Eles não sabiam quando essa pandemia iria acontecer, nem seu real tamanho, mas sabiam que ocorreria. E agora estamos diante de uma pandemia que surgiu de modo imprevisível e se alastrou por todo o mundo numa rapidez surpreendente e que já dura mais de um ano.

O livro possui vinte capítulos curtos, fáceis de ler, que tratam de temas diversos e de suas interrelações com a pandemia e as medidas para seu enfrentamento, tais como: renda básica, tributos, inflação, deflação, moeda e os efeitos da emissão monetária na economia, redução de salários, operações de mercado aberto pelo Banco Central, efeitos de quarentenas intermitentes e de reconversão industrial, oferta de crédito pelo BNDES e a taxa de juros de longo prazo (TLP), responsabilidade fiscal e segurança fiscal, uso das reservas internacionais, políticas macroeconômicas, o novo normal no contexto dos bens públicos e a necessidade de investimentos públicos, o papel dos bancos públicos e a monetização das dívidas. A obra finaliza com um capítulo de perguntas e repostas mais frequentes dos participantes das *lives* da autora no Youtube.

Dentre as rupturas tratadas por Bolle, destacam-se a mudança drástica de uma realidade para outra em razão da crise humanitária e sanitária decorrente da pandemia; as profundas transformações que devem afetar ainda mais as relações de trabalho, o papel do Estado na economia, o sistema de saúde, o desenho dos programas de proteção social, a educação, a circulação global, as relações entre as pessoas, a política e a economia; e as mudanças nos paradigmas econômicos que foram postos em xeque desde a crise financeira internacional de 2008, como por exemplo, o papel da intervenção do Estado e o relaxamento de metas de superávits primários.

A autora lembra que a economia é uma ciência social, que deve estar voltada para atender as necessidades humanas e ressalta que muitos economistas se esquecem disso e utilizam-se de modelos, equações, análises de cus-

¹ Professora Adjunta do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá.

to-benefício, métodos quantitativos complexos e elegantes para dar soluções aos problemas econômicos. As teorias procuram dar as respostas para muitas situações, porém a economia com todo seu dinamismo e complexidade sofre rupturas, é afetada por crises repentinas que quebram um suposto padrão de normalidade e requerem ações rápidas e que nem sempre são encontradas nos livros-textos. E nesse sentido ela faz importantes reflexões que devem tornar a economia menos fria e mais humana.

A pandemia de Covid-19 trouxe à tona uma crise humanitária e sanitária que não se vê no mundo desde o advento da gripe espanhola no início do século XX e tem provocado mudanças no comportamento das pessoas e na economia, com distanciamento social, quarentenas intermitentes com fechamento de atividades não essenciais. Com a rápida proliferação do vírus no Brasil e o conseqüente aumento de contaminados e mortes e demanda por serviços hospitalares, foi inevitável uma paralisação do país para tentar conter a propagação do vírus para dar tempo ao sistema de saúde se preparar para atender essa demanda. Por isso aumentou a necessidade da realização de gastos para fazer frente a essa nova situação: gastos na área de saúde, auxílio emergencial, crédito para empresas, entre outros. Reacendeu, portanto, a preocupação com as questões fiscais em que “[...] a responsabilidade fiscal é um valor importante, mas é um valor que ocasionalmente, precisa ser abandonado em prol de algo maior. E o algo maior é salvar vidas, dando mais recursos para o SUS, o Sistema Único de Saúde, dando sustentação econômica às pessoas que precisam, fazendo o que tem que ser feito para proteger os mais vulneráveis” (p. 27).

Antes da crise atual, o foco das discussões econômicas era sobre política fiscal, reformas e cumprimento do teto de gastos públicos. A autora critica o desenho rígido desse teto feito para impedir gastos. No entanto, devido à pandemia foi necessário a realização de despesas adicionais e não planejadas e houve flexibilização do teto em 2020. Em consonância com a autora: “Se antes falávamos em ajuste fiscal, agora falamos em gastar [...]. Passamos rapidamente dos equívocos do estado mínimo para uma discussão sobre o papel do Estado na pandemia e na crise econômica” (p. 35). Assim é que, no contexto da crise sanitária, os déficits fiscais são importantes para amenizar os efeitos ainda sentidos da depressão econômica de 2015-2016 aprofundada pela pandemia de 2020. Bolle propõe corretamente a suspensão do teto temporariamente por pelo menos dois anos e reforça a importância de emissão de dívida pública para fazer frente aos gastos necessários, inclusive para a realização dos investimentos públicos visando a retomada da economia. A dívida governamental federal vai explodir, mas já tínhamos uma relação dívida/PIB elevada antes da pandemia e, como bem esclarece a autora, ao final da pandemia, todos os países estarão com suas dívidas mais altas.

Bolle expõe claramente o debate que contrapõe saúde e economia que partiu dos Estados Unidos no fim de março de 2020 e teve grande repercussão no Brasil. Surgiram argumentos de que as medidas sanitárias eram exageradas e que resultariam num alto custo econômico. A autora desmistifica essa ideia defendendo as ações necessárias para evitar o colapso no sistema de saúde do país juntamente com colapso social, econômico e político. Ela destaca importantes ações que precisam ser tomadas na área de proteção social, crédito para empresas, recursos para o SUS, assistência a estados e municípios e utiliza argumentos fortes para mostrar que a economia é secundária diante de um problema tão grave de saúde pública e defende que os economistas e outros profissionais vão saber reconstruir a economia passada a pandemia. Conforme Bolle: “Nós sabemos reconstruir economias. O que não temos capacidade de fazer é repor as vidas que serão perdidas se relaxarmos o controle das medidas sanitária antes do tempo” (p. 72).

A leitura desse livro permite ao leitor resgatar as respostas dos governos ao enfrentamento da pandemia ao longo do ano de 2020, respostas em alguns casos muito demoradas. Relembra a relutância do governo brasileiro em agir no início da pandemia, minimizando-a, acreditando que seria breve. Ressalta as omissões, o descaso com as mortes, as declarações negacionistas, a preocupação com reformas, medidas de austeridade, privatizações, enfim, uma insensibilidade sem tamanho. Um governo totalmente descolado da realidade do Brasil e do mundo. A autora faz importantes reflexões sobre as ações tomadas, destaca seus pontos positivos e negativos e propõe soluções visando preservar vidas.

Dentre as principais lições dessa obra destacam-se: a defesa da maior presença do Estado na economia visando o enfrentamento da crise e seu papel na retomada; a necessidade de romper certos paradigmas – como a busca

incessante pelo ajuste fiscal; e repensar a economia e seu objeto de estudo que é promover o bem-estar das pessoas. Acredito que a leitura desse livro será muito proveitosa porque além de discutir os efeitos dessa grave crise de saúde pública que assola o mundo e o Brasil, em particular, trata de vários temas econômicos que estão interligados e vêm à tona neste novo cenário de ruptura em que vivemos.

Data da submissão: 30-12-2020

Data do aceite: 26-02-2021